

vicious
série sinners of saint, livro 1
l.j. shen

Tradução de Fernanda Semedo

Para Karen O'Hara e Josephine McDonnell



*«Amo-te como certas coisas obscuras devem ser amadas,
em segredo, entre a sombra e a alma.»*

PABLO NERUDA, 100 SONETOS DE AMOR



PLAYLIST



«Bad Things» — Machine Gun Kelly & Camila Cabello

«With or Without You» — X Ambassadors

«Fell in Love with a Girl» — The White Stripes

«Baby It's You» — Smith

«Nightcall» — Kravinsky

«Last Nite» — The Strokes

«Teardrop» — Massive Attack

«Superstar» — Sonic Youth

«Vienna» — Billy Joel

NOTA



Na cultura japonesa, o significado das cerejeiras em flor remonta a centenas de anos atrás. A flor de cerejeira representa a fragilidade e a magnificência da vida. Recorda o quanto a vida é bela, de forma quase avassaladora, mas também a sua impiedosa brevidade.

Como as relações.

Sejam sábios. Deixem que o vosso coração vos mostre o caminho. E quando encontrarem alguém que valha a pena... nunca o deixem ir.

CAPÍTULO UM

EMILIA



A minha avó disse-me certa vez que o amor e o ódio são o mesmo sentimento, vivenciado em circunstâncias diferentes. A paixão é igual. A dor é igual. Aquela coisa estranha que nos lateja no peito? Igual. Não acreditei nela até conhecer o Baron Spencer e ele se tornar o meu pesadelo.

E depois o meu pesadelo tornou-se a minha realidade.

Pensava ter escapado dele. Até fui bastante estúpida para pensar que ele tinha esquecido a minha existência.

No entanto, quando ele voltou, bateu mais forte do que alguma vez julguei possível.

E, como um dominó, caí.

DEZ ANOS ANTES

SÓ TINHA ESTADO NO INTERIOR DA MANSÃO UMA VEZ, QUANDO a minha família chegara a Todos Santos. Isso foi há dois meses. Nesse dia, fiquei imobilizada no mesmo soalho de madeira que nunca estalava.

Dessa primeira vez, a mãe deu-me uma cotovelada nos rins.

— Sabes que este é o soalho mais duro do mundo?

Esqueceu-se de mencionar que pertencia ao homem com o coração mais duro do mundo.

Nem que me matasse a pensar perceberia porque é que pessoas com tanto dinheiro o gastavam numa casa tão deprimente. Dez quartos. Treze casas de banho. Um ginásio interior e uma escadaria dramática. As melhores comodidades que o dinheiro podia comprar... E, à exceção do campo de ténis e da piscina de vinte metros, era tudo em preto.

O preto sufocava qualquer sentimento agradável que se pudesse ter assim que se atravessavam as grandes portas de ferro. O *designer* de interiores

deve ter sido um vampiro medieval, a julgar pelas cores frias e sem vida e pelos gigantescos candelabros de ferro pendentes dos tetos. O próprio chão era tão escuro que eu tinha a sensação de estar presa sobre um abismo, a uma fração de segundo de cair no vazio.

Uma casa com dez quartos, habitada por três pessoas — duas que quase nunca lá estavam —, e os Spencers tinham decidido alojar a minha família no apartamento dos criados perto da garagem. Era maior do que a nossa casa de contraplacado arrendada em Richmond, Virgínia, mas até ao momento tudo me causava má impressão.

Agora já não.

Tudo na mansão dos Spencers fora concebido para intimidar. Rico e opulento, mas pobre sob tantos aspetos. *Isto não é gente feliz*, pensei.

Fitei os meus sapatos — os brancos e gastos, que imitavam os *Vans*, em que eu desenhara flores coloridas para esconder o facto de serem contrafeitos — e engoli em seco, sentindo-me insignificante ainda antes de *ele* me humilhar. Ainda antes de o conhecer.

— Onde estará ele? — sussurrou a mãe.

Enquanto esperávamos no corredor, estremeci com o eco que ressaltava das paredes nuas. Ela queria perguntar se nos podiam pagar dois dias antes, porque precisávamos de comprar remédios para a minha irmã mais nova, Rosie.

— Ouvi qualquer coisa naquela sala. — A mãe apontou para uma porta do outro lado do vestíbulo abobadado. — Vai lá bater. Eu volto para a cozinha e espero lá.

— *Eu?* Porquê eu?

— Porque sim — disse ela, fulminando-me com um olhar que me golpeou a consciência. — A Rosie está doente e os pais dele não estão na cidade. És da idade dele. Ele vai escutar-te.

Fiz o que me mandou — não pela mãe, mas pela Rosie — sem compreender as consequências. Os minutos seguintes custaram-me todo o meu décimo segundo ano e foram a razão de eu ser arrancada da minha família aos dezoito anos.

O Vicious pensava que eu sabia o segredo dele.

Não o sabia.

Só me lembro de estar a avançar para a ombreira de outra porta escura, o meu punho pairando a alguns centímetros desta quando ouvi a voz rouca de um velho.

— Já sabes como é, Baron.

Um homem. Fumador, provavelmente.

— A minha irmã disse-me que estavas outra vez a causar-lhe problemas. — O homem sussurrou as palavras antes de levantar a voz e bater com a palma da mão numa superfície dura. — Estou farto que a desrespeites.

— Vai-te foder — ouvi na voz controlada de um homem mais novo. Parecia... divertido? — E ela que vá também. Espera, é por isso que estás aqui, Daryl? Também queres provar a tua irmã? A boa notícia é que ela é mercadoria viável, se tiveres dinheiro para pagar.

— Cuidado com essa boca, cabrão. — *Pás*. — A tua mãe ficaria orgulhosa. Silêncio, e depois:

— Voltas a falar na minha mãe e dou-te uma boa razão para precisares desses implantes dentários de que falaste com o meu pai. — A voz do homem mais novo escorria veneno, o que me fez pensar que talvez ele não fosse tão novo como a mãe julgava.

— Põe-te a andar — avisou a voz mais jovem. — Podia dar-te uma sova agora. Na verdade, estou bastante tentado a fazê-lo, todo o maldito tempo. Estou farto das tuas merdas.

— E que raio te faz pensar que tens escolha? — O homem mais velho riu sinistramente.

Senti a voz dele nos meus ossos, como um veneno a comer-me o esqueleto.

— Não ouviste? — rouquejou o homem mais novo. — Gosto de lutar. Gosto da dor. Talvez porque isso torne muito mais fácil aceitar que um dia te vou matar. E vou, Daryl. Um dia, vou-te matar.

Também arquejei, demasiado perplexa para me mexer. Ouvi um estrondo forte, depois alguém a tombar, arrastando algumas coisas consigo enquanto caía ao chão.

Estava prestes a correr — esta conversa, obviamente, não era para eu ouvir —, mas ele apanhou-me desprevenida. Antes de eu perceber o que estava a acontecer, a porta abriu-se e fiquei cara a cara com um rapaz mais ou menos da minha idade. Disse *rapaz*, mas não havia nada de juvenil nele.

O homem mais velho estava atrás dele, a ofegar fortemente, encurvado e com as mãos abertas, apoiadas numa mesa. Havia livros espalhados aos seus pés, e ele tinha o lábio cortado e a sangrar.

A sala era uma biblioteca. Estantes de nogueira erguiam-se do chão ao teto, cheias de livros de capa dura, cobrindo todas as paredes. Senti uma dor no peito porque sabia, de alguma forma, que não havia hipótese de me deixarem entrar ali outra vez.

— Que raio? — fervilhou o adolescente. Semicerrou os olhos. Pareciam as miras de uma espingarda apontadas a mim.

Dezassete? Dezoito? De alguma forma, sermos aproximadamente da mesma idade tornava tudo naquela situação ainda pior. Baixei a cabeça, as minhas faces ardendo com calor suficiente para incendiar a casa toda.

— Estavas a ouvir? — O seu maxilar tremeu.

Abanei freneticamente a cabeça, mas era mentira. Eu fora sempre uma péssima mentirosa.

— Não ouvi nada, juro. — Engasguei-me nas palavras. — A minha mãe trabalha aqui. Estava à procura dela. — Outra mentira.

Eu nunca tinha sido assustadiça. Era sempre a valente, mas, neste momento, não me sentia muito valente. Afinal, eu não devia estar aqui, nesta casa, e, definitivamente, não devia ter ouvido aquela discussão.

O jovem deu um passo na minha direção e eu dei um passo atrás. Os olhos dele estavam mortos, mas os seus lábios eram vermelhos, cheios, e estavam muito vivos. *Este tipo vai-me partir o coração, se eu deixar.* A voz veio de algures dentro da minha cabeça, e o pensamento desconcertou-me porque não fazia qualquer sentido. Nunca me tinha apaixonado, e estava demasiado ansiosa para registar a cor dos seus olhos ou o penteado, muito menos a noção de alguma vez poder ter sentimentos por este rapaz.

— Como é que te chamas? — perguntou ele. Cheirava deliciosamente, um traço de rapaz-homem, suor doce, hormonas amargas e o leve vestígio de roupa lavada, uma das muitas tarefas da minha mãe.

— Emilia. — Clareei a garganta e estendi-lhe a mão. — Os meus amigos chamam-me Millie. Vocês também podem.

A expressão dele revelava zero emoção.

— Estás completamente lixada, *Emilia*. — Arrastou o meu nome, troçando do meu sotaque sulista, e sem reconhecer a minha mão sequer com um olhar.

Retirei-a rapidamente, o embaraço inflamando-me novamente as faces.

— Lugar errado e momento errado. Da próxima vez que te encontrar em algum sítio dentro da minha casa, traz um saco de cadáver, porque não sais daqui viva. — Passou por mim rapidamente, o braço musculoso roçando-me o ombro.

Engasguei-me com a minha respiração. O meu olhar saltou para o homem mais velho e os nossos olhos encontraram-se. Ele abanou a cabeça e sorriu de uma maneira que me fez desejar dobrar-me para dentro de mim

própria e desaparecer. O sangue escorria-lhe do lábio para a bota de cabeçal — preta como o seu gasto blusão de *motard*. Que fazia ele num sítio destes? Ficou apenas a olhar-me, sem fazer qualquer gesto para limpar o sangue.

Virei-me e corri, sentindo a bília arder-me na garganta, ameaçando escorrer para fora.

Escusado será dizer que a Rosie teve de passar sem os seus remédios nessa semana, e os meus pais não foram pagos nem um minuto mais cedo do que estava agendado.

Isso foi há dois meses.

Hoje, quando atravessei a cozinha e subi as escadas, não tinha escolha.

Bati à porta do quarto do Vicious. O quarto dele ficava no segundo andar, ao fundo do grande corredor curvo, a porta de frente para a escadaria de pedra flutuante da mansão cavernosa.

Nunca tinha estado perto do quarto do Vicious, e gostava que as coisas tivessem continuado assim. Infelizmente, o meu livro de Cálculo tinha sido roubado. Quem quer que arrombara o meu cacifo tinha tirado as minhas coisas todas e deixado lixo no seu lugar. Latas de refrigerantes vazias, artigos de limpeza e invólucros de preservativos caíram de dentro do cacifo no momento em que abri a porta.

Só mais uma forma, não muito inteligente mas eficaz, de os miúdos da Secundária de Todos Santos me recordarem de que eu não passava da serviçal barata. Nesta altura, eu estava tão acostumada a isso que já quase não corava. Quando todos os olhos no corredor se viraram para mim, risinhos de escárnio e gargalhadas erguendo-se de todas as gargantas, empinei o queixo para cima e marchei diretamente para a minha próxima aula.

A Secundária de Todos Santos era uma escola cheia de pecadores mimados e excessivamente privilegiados. Uma escola onde, se não te vestisses ou comportasses de determinada maneira, não pertencias. A Rosie misturava-se melhor do que eu, graças a Deus. Mas com um sotaque sulista, um estilo antiquado e um dos tipos mais populares da escola — sendo esse o Vicious Spencer — a odiar-me mortalmente, eu não me integrava.

O que tornava tudo pior era que eu não me *queria* integrar. Estes miúdos não me impressionavam. Não eram simpáticos, nem acolhedores, nem sequer muito espertos. Não possuíam nenhuma das qualidades que eu procurava nos amigos.

Mas precisava desesperadamente do meu livro, se queria alguma vez escapar daquele sítio.

Bati três vezes na porta de mogno do quarto do Vicious. Rolando o lábio inferior entre os dedos, tentei inspirar o máximo de oxigênio que pudesse, mas isso não ajudou a acalmar a pulsação latejante no meu pescoço.

Por favor, não estejas aí...

Por favor, não sejas estúpido...

Por favor...

Um ruído suave veio por baixo da porta e o meu corpo ficou tenso.

Risinhos.

O Vicious nunca dava risinhos. Caramba, na verdade, nunca se ria. Até os seus sorrisos eram escassos e espaçados. Não. O som era, indubitavelmente, feminino.

Ouvi-o sussurrar, no seu tom rouco, algo inaudível que a fez gemer. Os meus ouvidos arderam, e esfreguei ansiosamente as mãos nos calções de ganga amarelos cortados que me cobriam as coxas. De todos os cenários que eu podia ter imaginado, este era, de longe, o pior.

Ele.

Com outra rapariga.

Que eu odiava ainda antes de saber o seu nome.

Não fazia qualquer sentido, mas eu estava ridiculamente zangada.

Mas ele estava claramente ali, e eu era uma rapariga com uma missão.

— Vicious? — chamei, tentando estabilizar a minha voz. Endireitei a espinha, apesar de ele não poder ver-me. — É a Millie. Desculpem interromper-vos. Só queria que me emprestasses o livro de Cálculo. Perdi o meu, e preciso mesmo de estudar para o exame de amanhã. — *Tu de certeza que não vais estudar.* Respirei silenciosamente.

Ele não respondeu, mas ouvi uma inalação áspera — a rapariga — e o restolhar de tecido e um fecho a correr. Para baixo, não tinha a menor dúvida.

Fechei os olhos com força e encostei a testa à madeira fria da porta.

Faz das tripas coração. Engole o orgulho. Daqui a uns anos, isto já não importa. O Vicious e as suas estúpidas bizzarrias serão uma memória distante, e a altiva cidade de Todos Santos será apenas uma parte empoeirada do meu passado.

Os meus pais tinham aproveitado ansiosamente a oportunidade quando Josephine Spencer lhes oferecera os empregos. Tinham-nos arrastado através do país até à Califórnia porque os cuidados de saúde eram melhores e não precisávamos de pagar renda. A mãe era a cozinheira e governanta

dos Spencers e o pai era jardineiro e fazia várias outras tarefas. O anterior casal residente tinha-se ido embora, e não era para admirar. Mas oportunidades como esta eram raras e a mãe da Josephine Spencer era amiga da minha tia-avó, e foi assim que conseguiram o trabalho.

Eu planeava sair daqui em breve. Assim que fosse aceite na primeira universidade fora do estado a que me candidatara, para ser exata. Contudo, para o fazer, precisava de uma bolsa de estudo.

Para a obter, precisava de umas notas do caraças.

E, para ter umas notas do caraças, precisava daquele livro.

— Vicious. — Disse a sua estúpida alcunha lentamente. Sabia que ele odiava o seu nome verdadeiro e, por razões que me escapavam, não queria chateá-lo. — Levo o livro e copio rapidamente as fórmulas que me fazem falta. Não fico com ele muito tempo. Por favor.

Engoli a bola de frustração que girava na minha garganta. Já era mau terem-me roubado as coisas — *outra vez* — e, ainda por cima, tinha de pedir favores ao Vicious.

Os risinhos escalaram. Os guinchos agudos perfuraram-me os ouvidos. Os meus dedos ansiavam por abrir a porta e atirar-me a ele com os punhos.

Ouvi o seu gemido de prazer e soube que não tinha nada que ver com a rapariga com quem ele estava. Ele adorava martirizar-me. Desde o nosso primeiro encontro à porta da biblioteca, dois meses antes, fazia questão de me recordar que eu não era bastante boa.

Não era bastante boa para a sua mansão.

Não era bastante boa para a sua escola.

Não era bastante boa para *a sua cidade*.

A pior parte? Não era uma figura de estilo. *Era* mesmo a sua cidade. Baron Spencer Jr. — alcunhado de Vicious pelo seu comportamento frio e impiedoso — era o herdeiro de uma das maiores fortunas familiares da Califórnia. Os Spencers eram proprietários de um oleoduto, de metade da Baixa de Todos Santos — incluindo o centro comercial — e de três parques de escritórios. O Vicious tinha dinheiro suficiente para sustentar as próximas dez gerações da sua família.

Mas eu não tinha.

Os meus pais eram serviçais. Tínhamos de trabalhar para conquistar cada cêntimo. Eu não esperava que ele compreendesse. Os meninos dos *trust-funds* nunca compreendiam. Mas presumi que, ao menos, o fingisse, como todos os outros.

A educação era importante para mim e neste momento sentia que estavam a roubar-me.

Porque pessoas ricas me tinham roubado os livros.

Porque este miúdo rico em particular nem sequer abria a porta do quarto para me emprestar o seu livro por um instante.

— Vicious! — A minha frustração levou-me a melhor e bati com a palma da mão aberta na porta. Ignorando o latejo que isso me causou no pulso, continuei, exasperada. — Vá lá!

Estava quase a virar-me e a ir embora. Mesmo que isso significasse ter de pegar na bicicleta e atravessar a cidade para pedir os livros emprestados ao Sydney. O Sydney era o meu único amigo na Secundária de Todos Santos e a única pessoa da turma de quem eu gostava.

Mas então ouvi o Vicious a rir e percebi que a piada era eu.

— Adoro ver-te a rastejar. Suplica por ele, *baby*, e eu dou-to — disse ele.

Não para a rapariga no seu quarto.

Para mim.

Perdi a cabeça. Apesar de saber que era errado. Que ele estava a ganhar.

Abri a porta e irrompi pelo quarto, estrangulando o puxador com o punho, os nós dos meus dedos brancos e a arder.

O meu olhar voou para a sua cama *king-size*, mal parando para observar o bellissimo mural por cima dela — quatro cavalos brancos galopando em direção ao escuro — ou a elegante mobília escura. A cama parecia um trono, a meio do quarto, enorme e alta e vestida de suave cetim preto. Ele estava empoleirado na beira do colchão, com uma rapariga da minha turma em Educação Física no colo. O nome dela era Georgia e os avós eram donos de metade das vinhas no Norte do estado, em Carmel Valley. Os longos cabelos louros da Georgia cobriam um dos ombros largos dele e o seu bronzeado caribenho era perfeito e macio de encontro à pele pálida do Vicious.

Ele trancou os olhos azul-escuros — tão escuros que eram quase pretos — nos meus e continuou a beijá-la freneticamente — a sua língua fazendo várias aparições — como se ela fosse feita de algodão-doce. Eu precisava de desviar o olhar, mas não consegui. Fiquei presa no seu olhar, completamente imobilizada dos olhos para baixo, por isso, arqueei as sobrancelhas, para lhe mostrar que não me importava.

Mas importava. E muito.

De facto, importava-me tanto que continuei a fitá-los descaradamente.

Observei as suas faces encovadas enquanto ele introduzia a língua mais profundamente na boca dela, o seu olhar ardente e provocador nunca largando o meu, avaliando a minha reação. Senti o meu corpo palpitar de uma maneira desconhecida, caindo sob o feitiço dele. Uma névoa doce e pungente. Era sexual, indesejável, mas totalmente inescapável. Queria libertar-me mas, por mais que me esforçasse, não conseguia. Intensifiquei o aperto no puxador da porta, engoli em seco e baixei os olhos para a mão dele, que agarrava a cintura dela e a apertava, brincalhão. Apertei a minha própria cintura através do tecido do meu *top* de girassóis amarelo e branco.

Que raio se passava comigo? Vê-lo beijar outra rapariga era insuportável, mas também estranhamente fascinante.

Eu queria ver.

Eu não queria ver.

Em qualquer dos casos, não podia *desver*.

Admitindo a derrota, pestanejei, desviando o olhar para um boné preto dos Raiders pendurado no espaldar da sua cadeira de secretária.

— O teu livro, Vicious. Preciso dele — repeti. — Não saio do teu quarto sem ele.

— Põe-te lá fora, Criada — disse ele para dentro da boca risonha da Georgia.

Um espinho cravou-se-me no coração, o peito enchendo-se de ciúme. Não conseguia compreender esta reação física. A dor. A vergonha. A *luxúria*. Odiava o Vicious. Era duro, sem coração e odioso. Tinham-me dito que a mãe dele morrera quando ele tinha nove anos, mas agora tinha dezoito e uma madrasta boa, que o deixava fazer tudo o que ele queria. A Josephine parecia doce e atenta.

Ele não tinha razão nenhuma para ser tão cruel, mas era-o, para toda a gente. Especialmente para mim.

— Não. — A raiva latejava dentro de mim, mas, por fora, permaneci impávida. — *O livro de Cálculo*. — Falei lentamente, tratando-o como o idiota que ele achava que eu era. — Diz-me só onde está. Deixo-o à tua porta quando acabar. É a maneira mais rápida de te veres livre de mim e de voltares às tuas... atividades.

A Georgia, que se debatia com o fecho dele, o seu vestido branco justo já aberto atrás, resmungou, afastando-se por um momento do peito dele e revirando os olhos.

Apertou os lábios num beicinho reprovador.

— A sério, Mindy? — O meu nome era Millie, e ela sabia. — Não

arranjas nada melhor para fazer com o teu tempo? A liga dele está um bocadinho acima da tua, não achas?

O Vicious dedicou um momento a examinar-me, com um sorriso altivo plasmado no rosto. Era tão estupidamente bonito. Infelizmente. Cabelo preto, brilhante e cortado com estilo, rapado dos lados e mais longo em cima. Olhos índigo, sem fundo, brilhantes e endurecidos. Pelo quê, desconhecia. Pele tão pálida que parecia um fantasma deslumbrante.

Enquanto pintora, eu passava muito tempo a admirar a forma do Vicious. Os ângulos do rosto e a afilada estrutura óssea. Só arestas limadas. Definido e enxuto. Ele era feito para ser pintado. Uma obra-prima da natureza.

A Georgia também o sabia. Ouvira-a há pouco tempo falar dele no balneário depois da aula de Educação Física. A sua amiga tinha dito: «Que gajo bonito.» «Amiga, mas uma personalidade *feia*», acrescentara a Georgia rapidamente. Passara-se um momento de silêncio antes de ambas soltarem uma gargalhada. «Que importa?», concluíra a amiga da Georgia. «Fazia-o na boa.»

A parte pior era que eu não podia censurá-las.

Ele era não só uma beldade, mas também escandalosamente rico — um tipo popular que se vestia e falava da maneira certa. Um perfeito herói de Todos Santos. Conduzia o carro certo — um *Mercedes* — e possuía aquela aura mística de um verdadeiro alfa. Dominava sempre a sala. Mesmo quando estava completamente em silêncio.

Simulando tédio, cruzei os braços e encostei uma anca à ombreira da porta. Olhei pela janela, sabendo que as lágrimas apareceriam nos meus olhos se olhasse diretamente para ele ou para a Georgia.

— A liga *dele*? — trocei. — Nem sequer pratico o mesmo desporto. Não jogo sujo.

— Jogarás quando eu te pressionar o suficiente — atirou o Vicious em tom rude. Senti que me tinha arrancado as entranhas e as atirara para o seu imaculado chão de madeira.

Pestanejei lentamente, tentando parecer *blasée*.

— O livro? — perguntei pela ducentésima vez.

Ele deve ter concluído que me torturara o suficiente para um dia. Apontou com a cabeça para uma mochila debaixo da secretária. A janela por cima desta dava para os alojamentos dos criados onde eu vivia, permitindo-lhe uma visão perfeita do meu quarto. Até agora, apanhara-o a observar-me duas vezes pela janela, e sempre me perguntara porquê.

Porquê, porquê, porquê?

Ele odiava-me tanto.

A intensidade do seu olhar queimava-me o rosto sempre que ele me olhava, o que não era tantas vezes como eu gostaria. Contudo, sendo a rapariga sensata que era, nunca me permitia regozijar-me com isso.

Aproximei-me da mochila *Givenchy* revestida a borracha que ele levava para a escola todos os dias e suspirei enquanto a abria, vasculhando ruidosamente as coisas dele. Agradava-me estar de costas para eles, e tentei bloquear os gemidos e os sons de sucção.

No momento em que a minha mão tocou no familiar livro de cálculo azul e branco, imobilizei-me. Fitei a flor de cerejeira que eu desenhara na capa. A raiva vibrou-me pela espinha, percorreu-me as veias, fazendo os meus punhos fecharem-se e abrirem-se. O sangue inundou-me os ouvidos e a minha respiração acelerou.

Ele arrombara o meu maldito cacifo.

Com os dedos a tremer, tirei o livro da mochila do Vicious.

— Roubaste o meu livro? — Virei-me para ele, com todos os músculos do rosto tensos.

Isto era uma escalada. Agressão pura. O Vicious sempre me provocara, mas nunca me humilhara assim. Roubara as minhas coisas e enchera-me o cacifo de preservativos e papel higiénico usado, caramba!

Os nossos olhos encontraram-se e prenderam-se. Ele empurrou a Georgia do colo, como se ela fosse um cachorro ansioso com que se tivesse fartado de brincar, e levantou-se. Eu dei um passo em frente. Agora, estávamos cara a cara.

— Porque é que me estás a fazer isto? — silvei, examinando o seu rosto vazio e pétreo.

— Porque posso — respondeu com um sorrisinho para esconder toda a dor nos seus olhos.

Que é que te consome, Baron Spencer?

— Porque é divertido? — acrescentou, rindo, atirando o casaco da Georgia para as mãos dela. Sem a olhar, fez-lhe um gesto para se ir embora.

Ela, claramente, não era mais do que um adereço. Um meio para chegar a um fim. Ele quisera magoar-me. E fora bem-sucedido.

Eu não me devia preocupar com os motivos do comportamento dele. O que importava era que o odiava. Odiava-o tanto que me dava náuseas adorar tanto o seu aspeto, dentro e fora do campo de futebol. Odiava a minha frivolidade, a minha tolice por adorar a forma como o seu queixo

quadrado e duro tremia quando ele combatia um sorriso. Odiava adorar as coisas inteligentes e espirituosas que lhe saíam da boca quando falava nas aulas. Odiava que ele fosse um realista cínico enquanto eu era uma idealista desesperada e, contudo, adorava todos os pensamentos que ele pronunciava em voz alta. E odiava que uma vez por semana, todas as semanas, o meu coração fizesse coisas loucas no meu peito porque suspeitava que ele pudesse ser *ele*.

Odiava-o, e era claro que ele também me odiava.

Odiava-o, mas odiava mais a Georgia, porque era ela quem ele beijava.

Sabendo perfeitamente que não podia lutar com ele — os meus pais trabalhavam aqui —, morde a língua e avancei para a porta. Só tinha chegado à ombreira quando a sua mão calosa se enrolou no meu cotovelo, fazendo-me girar e atirando-me de encontro ao seu peito duro como aço. Contive um gemido.

— Luta comigo, Criada — rosou na minha cara, as suas narinas dilatando-se como uma besta selvagem. Os seus lábios estavam perto, tão perto. Ainda inchados de beijarem outra rapariga, vermelhos em contraste com a sua pele clara. — Por uma vez na tua vida, defende-te.

Libertei-me do seu toque, segurando o meu livro junto do peito como se fosse um escudo. Corri para fora do quarto e não parei para respirar até chegar ao alojamento dos empregados. Abri a porta, entrei no quarto e tranquei-a, atirando-me para a cama com um pesado suspiro.

Não chorei. Ele não merecia as minhas lágrimas. Mas estava zangada, perturbada e, sim, com o coração um bocadinho partido.

À distância, ouvi música a berrar do seu quarto, mais alta a cada segundo enquanto ele aumentava o volume até ao máximo. Precisei de alguns acordes antes de identificar a canção. «Stop Crying Your Heart Out», dos Oasis.

Alguns minutos depois, ouvi o *Camaro* vermelho da Georgia — com que o Vicious gozava constantemente porque «Quem raio compra um *Camaro* automático?» — descer a entrada ladeada de árvores da propriedade. Ela também parecia zangada.

O Vicious era doentio. Era mau que o meu ódio por ele estivesse revestido por uma fina película de algo que parecia amor, mas prometi a mim mesma quebrá-la e soltar só ódio puro, antes que ele me afetasse. *Ele*, prometi a mim mesma, *nunca me vai destruir*.

CAPÍTULO DOIS

VICIOUS



DEZ ANOS ANTES

Era a mesma velha treta, outro fim de semana em casa. Estava a dar mais uma festa alucinante e nem me dei ao trabalho de sair da sala de jogos de vídeo para estar com os idiotas que tinha convidado.

Eu sabia que género de caos proliferava lá fora. As raparigas aos risinhos e aos gritinhos na piscina em forma de rim nas traseiras da casa. O marulhar das cascatas artificiais derramando-se sobre os arcos gregos para dentro de água e o chape-chape de colchões de ar a bater em pele nua e molhada. Os gemidos de casais a foder nos quartos próximos. A má-língua dos grupinhos instalados nos sofás e cadeirões fofos lá em baixo.

Ouvia música — Limp Bizkit —, e quem é que se atrevia a passar *Lame Bizkit* na minha festa?

Também podia ter ouvido tudo o resto, mas não *ouvi*. Estendido no meu cadeirão diante da TV, com as pernas escancaradas, fumava um charro e via banda desenhada japonesa pornográfica.

Tinha uma cerveja à minha direita, mas não lhe toquei.

Tinha uma rapariga de joelhos por baixo do meu assento, na carpete, a massajar-me as coxas, mas também não lhe toquei.

— Vicious — ronronou ela, aproximando-se mais dos meus genitais. Subiu lentamente, escarranchando-se no meu colo.

Uma morena bronzeada sem nome, num vestido fode-me-já. Tinha cara de Alicia, ou Lucia, talvez. Tinha tentado entrar para a claque na primavera passada, sem sucesso. Apostava que esta festa era o seu primeiro gostinho de popularidade. Curtir comigo, ou com qualquer outra pessoa nesta sala, era o seu atalho para o estatuto de celebridade na escola.

Só por essa razão, não tinha qualquer interesse para mim.

— A tua sala de média é brutal, mas não podíamos ir para um sítio mais sossegado?

Bati a ponta do charro, a cinza caindo para um cinzeiro no braço do cadeirão como um floco de neve suja. O meu queixo tremeu.

— Não.

— Mas eu gosto de ti.

Treta. Ninguém gosta de mim. E com razão.

— Não gosto de relacionamentos — respondi em piloto automático.

— Tipo, *duh*. Eu sei disso, tolo. Mas podemos divertir-nos um bocado.

— Riu pelo nariz, uma gargalhada desagradável que me fez detestá-la por se esforçar tanto.

O respeito por si mesmo era muito importante no meu manual.

Semicerrei os olhos, refletindo na proposta dela. Claro que a podia deixar chupar-me a pila, mas sabia que não devia acreditar na sua aparência de indiferença. Todas queriam algo mais.

— É melhor saíres daqui — disse-lhe, pela primeira e última vez. Eu não era pai dela. Não me competia avisá-la contra gajos como eu.

Ela fez um beicinho, enrolando os braços por trás do meu pescoço e subindo pela minha coxa. O seu decote exposto encostou-se ao meu peito e os seus olhos ardiavam de determinação.

— Não sairei daqui sem um dos HotHoles.

Arqueei uma sobrancelha, exalando fumo através do nariz, os meus olhos quase fechados de tédio.

— Então é melhor tentares o Trent ou o Dean, porque não te vou foder esta noite, querida.

A Alicia-Lucia afastou-se, percebendo finalmente. Meneou-se até ao bar com um sorriso falso que se amarrotava a cada passo que dava com aqueles saltos altos e preparava uma porcaria de *cocktail* sem verificar que bebida vertia no copo alto. Os seus olhos brilhavam ao examinar a sala, tentando perceber qual dos meus amigos — éramos os Quatro HotHoles da Secundária de Todos Santos — estaria disposto a ser o seu bilhete para a popularidade.

O Trent estava afundado no sofá à minha direita, meio sentado, meio deitado, enquanto uma miúda qualquer lhe amassava o pénis, escarranchada em cima dele, com a *T-shirt* descida até à cintura e as mamas nuas a balançar quase comicamente. Ele levou a garrafa de cerveja à boca e mexeu no telefone, entediado. O Dean e o Jaime estavam num sofá do outro lado,

discutindo o jogo de futebol da próxima semana. Nenhum deles tocara nas raparigas que leváramos para a sala.

O Jaime, eu compreendia. Era obcecado pela nossa professora de Inglês, a menina Greene. Eu não aprovava este seu novo fascínio tarado, mas nunca lhe diria uma palavra acerca disso. O Dean, por outro lado? Não fazia a menor ideia de qual era o problema dele. Porque é que não se agarrara a um rabo e passara à ação, como fazia normalmente.

— Dean, amigo, onde está a tua gaja para esta noite? — O Trent fez eco dos meus pensamentos, passando o polegar sobre o telefone, navegando a sua *playlist*, parecendo desesperadamente desinteressado na miúda que estava a foder.

Antes de o Dean lhe poder responder, o Trent empurrou a miúda em cima dele a meio de uma investida, dando-lhe uma palmada gentil na cabeça enquanto ela tombava sobre o sofá. Ainda tinha a boca meio aberta, em parte de prazer, em parte de choque.

— Desculpa. Esta noite não está a dar para mim. É do gesso. — Apontou com a garrafa de cerveja para o tornozelo partido, sorrindo apologeticamente à sua companheira de foda.

De nós os quatro, o Trent era o mais simpático.

Isso dizia tudo o que era preciso saber acerca dos HotHoles.

O irónico era que o Trent era quem tinha mais razão para ser ressentido. Ele estava lixado, e sabia-o. Não havia hipótese de ir para a universidade sem o futebol. As notas dele eram uma merda e os pais não tinham dinheiro para pagar a renda, quanto mais a educação dele. A sua lesão significava que ficaria na Califórnia do Sul e arranjaría um trabalho qualquer de colarinho azul se tivesse sorte, aguentando-se como o resto do pessoal do seu bairro, depois de ter passado quatro anos com os miúdos ricos de Todos Santos.

— Estou bem, meu. — O sorriso do Dean era descontraído, mas o bater constante do seu pé não era. — Na verdade, não quero que sejas apanhado desprevenido por uma coisa. Estás a ouvir? — Sorriu nervosamente, endireitando-se.

Nessa altura, a porta abriu-se atrás de mim. Quem entrou não se dera ao trabalho de bater à porta. Toda a gente sabia que esta sala era interdita. Era o espaço de festa privado dos HotHoles. As regras eram claras. Se não fosses convidado, não entravas.

As raparigas da sala olharam todas na direção da porta, mas eu continuei a fumar erva e a desejar que a Alicia-Lucia se afastasse do bar. Precisava de uma cerveja e não estava com disposição para conversas.

— Uau, olá. — O Dean acenou à pessoa junto da porta e juro que todo o seu estúpido corpo sorriu.

O Jaime acenou-lhe ríspidamente, ficando tenso no seu lugar e mandando-me um olhar que eu estava demasiado pedrado para descodificar. O Trent virou a cabeça, resmungando também uma saudação.

— Quem quer que esteja à porta é bom que tenha uma maldita piza e uma cona feita de ouro, se quer ficar. — Cerrei os dentes, finalmente olhando por cima do ombro.

— Olá a todos.

Quando ouvi a voz dela, algo estranho aconteceu no meu peito.

Emilia. A filha dos criados. *Porque é que ela está aqui?* Ela nunca saía do alojamento dos criados quando eu fazia as minhas festas. Além disso, não tinha olhado na minha direção desde que corraera para fora do meu quarto com o livro de Cálculo, na semana anterior.

— Quem é que te deu autorização para vires aqui, Criada? — Chupei o charro, inalei profundamente e atirei uma nuvem de fumo rançoso e doce para o ar, girando a minha cadeira para a ver.

Os seus olhos azuis deslizaram brevemente por mim antes de aterram em alguém atrás de mim. Os lábios abriram-se-lhe num sorriso tímido ao ver essa pessoa. O estrépito da festa desvaneceu-se e a única coisa que vi foi a cara dela.

— Olá, Dean. — Baixou o olhar para os seus *Vans* contrafeitos.

Os seus longos cabelos cor de caramelo estavam entrançados, caindo sobre um ombro. Vestia *jeans* largos e uma *T-shirt Daria* que, deliberadamente, não condizia com um casaco de malha cor de laranja. O seu sentido de estilo era juvenil e horrível, e as costas da sua mão ainda tinham o desenho de uma cerejeira que desenhara em Literatura Inglesa, por isso, como raio era tão sensual? Não importava. Eu detestava-a, fosse como fosse, mas a sua aparente dedicação a tentar não parecer *sexy*, juntamente com o facto de, na verdade, *ser sexy*, punha-me sempre duro como pedra.

Desviei o olhar dela para o Dean. Ele sorria-lhe. Um sorriso pateta que me implorava que lhe partisse os dentes todos.

Mas. Que. Raio?

— Vocês andam a comer-se? — O Jaime perguntou descaradamente o que eu nunca teria perguntado, despenteando o seu cabelo louro e comprido de surfista com o punho. Ele estava-se nas tintas, mas sabia que era algo que me interessava.

— Caraças, *meu*. — O Dean levantou-se, deu uma palmada na nuca

do Jaime e, de repente, começou a comportar-se como se fosse um gajo decente.

Eu conhecia-o o suficiente para reconhecer que não o era. Fodera tantas miúdas exatamente naquele sofá onde se sentara que este tinha uma impressão permanente do seu ADN.

Isto — e apenas isto — fez-me detestar esta ideia do Dean e da Criada. Já tinha dramas suficientes com que lidar. Não queria estar ali quando o coração dela se quebrasse, na minha casa. Se despedaçasse *no meu soalho*. Além disso, por muito que não gostasse da Criada... ela não era para nós destruímos. Era apenas uma campónia da Virgínia, com um grande sorriso e um sotaque irritante. A personalidade dela era como o raio de uma canção do Michael Bubl . Muito fácil e sem presun o. Afinal, a rapariga até me sorriera quando me apanhou a olhar para o quarto dela no alojamento dos criados, como um tarado.

Até que ponto   que uma pessoa pode ser estúpida?

Ela não tinha culpa que eu a odiasse. Por me ter ouvido a falar com o Daryl há umas semanas. Por parecer e soar exatamente como a Jo, a minha madrastra.

— Estou contente por teres podido vir. Desculpa teres de vir aqui, não percebi que estava atrasado. Isto não   sítio para uma senhora — brincou o Dean, tirando o seu casaco do braço do sofá de couro preto e correndo para a porta.

Passou o braço por cima os ombros dela e o meu olho esquerdo tremeu.

Ele meteu uma madeixa de cabelo que se soltara da trança atrás da orelha dela e os meus maxilares cerraram-se.

— Espero que tenhas fome. Conheço um restaurante de marisco muito bom na marina.

Ela sorriu.

— Claro. Conta comigo.

Ele riu-se, e as minhas narinas incharam.

Depois, saíram.

Saíram, caralho.

Voltei a enfiar o charro no canto da boca, virando-me novamente para a televisão. Toda a sala ficou em silêncio e todos os olhos se dirigiram a mim em busca de instru es, e com que merda é que estavam todos tão perturbados?

— Ei, tu. — Apontei para a rapariga que o Trent afastara a meio da queca. Estava a arranjar o cabelo diante do espelho ao lado da minha consola

de jogos. Bati duas vezes no colo. — Chega aqui e traz a tua amiga. — Fixei os olhos na outra. Era a rapariga que eu rejeitara minutos antes. Ainda bem que tinha decidido ficar.

Com uma rapariga risonha em cada perna, dei uma passa no charro, puxei o cabelo da primeira miúda para lhe virar a cara para mim e encostei os lábios aos dela. Exalei, disparando o fumo para a boca dela. Ela absorveu tudo com um arquejo excitado.

— Passa a outro. — Roci a cana do nariz dela com a ponta do meu, com os olhos pesados. Ela sorriu com a boca fechada e beijou a outra rapariga no meu colo, deixando o fumo passar para a boca dela.

O Trent e o Jaime observaram-me o tempo todo.

— Devem ser só amigos coloridos — sugeriu o Trent, passando a mão pela sua cabeça rapada. — Não sabia nada desta merda até esta noite, e o Dean é tão capaz de manter um segredo como eu sou capaz de manter as calças vestidas numa festa na mansão da *Playboy*.

— Pois — interveio o Jaime. — É o Dean, meu. Nunca teve uma namorada a sério. Nunca teve *nada* a sério. — Pôs-se de pé e vestiu o blusão de cabedal azul-marinho. — Tenho é de me ir embora.

Claro. Para fingir que era um falhado qualquer num *site* de encontros e passar a noite no *sexting* com a professora Greene. Juro que, se não lhe tivesse visto a pila no balneário, pensaria que o Jaime tinha vagina.

— Mas ouve o que te digo — acrescentou. — Não analyses demasiado. Não há qualquer hipótese de o Dean assentar. Ele vai fazer a universidade em Nova Iorque. Tu ficas aqui com ela. Ela não foi aceite em lado nenhum, pois não?

Certo.

Ainda por cima, a Criada ainda não tinha arranjado uma bolsa de estudos. Sabia-o porque partilhávamos a mesma caixa de correio e eu vasculhara os seus envelopes para ver onde é que a pequena Emilia LeBlanc iria a seguir. Até agora, parecia que não ia a lado nenhum, para seu grande desgosto.

Eu ia para uma universidade da treta em Los Angeles, a duas horas de distância, e ela ficava aqui. Eu voltava ao fim de semana de quinze em quinze dias, e ela continuaria aqui. A cuidar de mim.

A servir-me.

A invejar-me.

Permaneceria pequena e insignificante. Sem instrução e sem oportunidades. E, acima de tudo, *minha*.

— Na verdade, estou-me nas tintas. — Ri-me, segurando os rabos de ambas as raparigas, apertando as suas carnes moles enquanto as aproximava. — Lambam as mamas uma da outra para mim. — O meu tom era sem emoção. Elas obedeceram. Era tão fácil pô-las a fazer isto que fiquei deprimido como o caraças.

As raparigas e as suas línguas estavam em guerra. Suplicavam pela minha atenção como dois cães a batalhar pelas suas vidas numa luta clandestina. Não fizeram nada por mim e, naturalmente, culpei-as por isso.

— Então, em que ponto estamos? — perguntei aos meus amigos.

— Num ponto de profunda negação, ao que parece. Caraças. — O Jaime abanou a cabeça, avançando para a porta. De caminho, segurou o ombro do Trent. — Garante que as raparigas não fazem nada demasiado estúpido.

— Queres dizer, como ele? — O Trent apontou-me com o polegar.

Semicerrei os olhos para ele, mas ele não se importou. Era um miúdo do bairro. Nada o assustava, muito menos o meu rabo branco e rico.

Havia uma raiva a crescer dentro de mim. Em breve transbordaria.

Eles tinham tanta certeza de me conhecer. Tanta certeza de que eu queria a Emilia LeBlanc.

— Que se lixe esta merda. Vou descer para a piscina. — Levantei-me de repente e as raparigas caíram, cada uma delas aterrando com um barulho suave num braço do cadeirão.

Uma delas gemeu em protesto, e a outra guinchou:

— Mas que merda!

— Uma pedrada má — ofereci como desculpa esfarrapada.

— Acontece. — A rapariga que fodera o Trent há um segundo sorriu, compreensiva.

Eu queria espancar os pais delas quase tanto como queria lixar o Daryl. A sua disponibilidade repugnava-me.

— Vais telefonar-me? — A Alicia-Lucia puxou-me a *T-shirt*. Tinha esperança nos olhos.

Olhei-a lentamente de alto a baixo. Era gira, mas não tão gira como pensava. Mas estava ansiosa por agradecer, por isso, não devia ser a pior das quecas.

Eu avisei-a.

Ela recusou-se a ouvir.

— Deixa o teu número no telefone do Trent. — Virei costas e saí.

No corredor, as pessoas abriram-me caminho, colando as costas à

parede, sorrindo e erguendo os copos descartáveis vermelhos para mim, bajulando-me como se eu fosse o papa. E, para eles, era-o. Este era o meu reino. As pessoas adoravam o meu género de perversidade. Era esta a natureza da Califórnia e era por isso que eu nunca partiria. Adorava tudo o que os outros odiavam nela. Os mentirosos, os fingidos, as máscaras e o plástico. Adorava a forma como as pessoas amavam o que estava no nosso bolso e não no peito. Adorava que ficassem impressionados por carros caros e inteligência barata. Caramba, até adorava os terramotos e a treta dos batidos verdes.

Aquelas pessoas que odiava eram a minha casa. Este sítio — o meu recreio.

Elevaram-se murmúrios de todos os cantos do corredor. Normalmente, não agradava estas pessoas com a minha presença, mas, quando o fazia, eles sabiam porquê. Esta noite ia haver merda. A excitação impregnava o ar.

«Fell in Love with a Girl», dos White Stripes, ecoava nas paredes escuras.

Não fiz contacto visual com ninguém. Apenas olhei em frente enquanto atravessava a multidão até chegar à adega por baixo da cozinha. Fechei a porta atrás de mim. Estava silenciosa e escura, como eu. Encostei-me à porta, fechei os olhos e inspirei profundamente o ar húmido.

Porra, aquela merda que o Dean trouxera *era* forte. Estava só meio a mentir quando dissera que era má.

Avancei mais dentro da sala, fechando mentalmente a porta ao resto do mundo. Ao Daryl Ryler. À Josephine. E até àqueles que eram só parcialmente vilões, como a Emilia e o meu pai. Afaguei com os dedos as armas na parede que colecionara ao longo dos anos. Afaguei o pé de cabra, a adaga, o taco de basebol e o chicote de couro. Ocorreu-me que, um dia, de preferência em breve, podia prescindir desta coleção, que nunca tinha usado, mas possuía porque me fazia sentir mais seguro. Sobretudo, ter estas merdas significava que o Daryl nunca mais se meteria comigo.

Estava à procura de uma luta física, daquelas que se vão construindo lentamente. Procurava uma dor explosiva que viesse de nenhures. Em resumo, estava em busca de sarilhos.

Quando voltei a subir, de mãos vazias, para a piscina exterior, mantive-me na beira. O luar iluminava o meu reflexo na água límpida. A piscina estava cheia de pessoas em calções de banho e biquínis de estilista. Examinei o local, em busca do Dean. Era com ele que queria lutar. Partir a sua cara de rapaz normal e altivo. Mas sabia que ele tinha saído com a

Criada e, além disso, regras eram regras. Nem eu podia infringi-las. No momento em que saí para ali com as mangas arregaçadas até aos ombros, estava a convidar quem quer que quisesse lutar comigo a avançar. Mas não podia pedir a ninguém especificamente. Eles tinham de se voluntariar. Era esse o jogo perigoso que fazíamos na Secundária de Todos Santos para matar o tempo: o *Desafio*.

O Desafio era justo.

O Desafio era brutal.

Acima de tudo, o Desafio embotava a dor e fornecia uma excelente explicação para a minha pele marcada.

Não fiquei surpreendido quando ouvi o barulho do gesso do Trent atrás de mim. Ele sabia o quanto eu estava lixado e queria salvar a noite.

— Diz ao Dean para a largar, ou digo eu — disse ele nas minhas costas.

Abanei a cabeça, sorrindo desdenhosamente.

— Ele pode fazer o que bem lhe aprouver. Se quiser pinar com aquela saloia, o funeral é dele.

— Vicious — avisou o Trent.

Virei-me e avaliei-o. A sua suave pele cor de café brilhava sob a lua cheia, e detestei-o pela sua capacidade de desfrutar do sexo oposto com tanta indiferença. Foder miúdas aleatórias estava a perder o interesse demasiado depressa. E eu ainda nem tinha dezoito anos.

— Esta merda com essa miúda vai arrastar toda a gente por um caminho muito negro. — Ele despiu a *T-shirt*, expondo o seu enorme tronco musculoso. Era um canalha corpulento.

Como sempre, fiquei com a *T-shirt* vestida. As pessoas olhavam-nos avidamente, mas nunca me ralara com aqueles idiotas. Queriam preencher a sua existência sem sentido com algo de que pudessem falar. Eu proporcionava-lhes isso com todo o gosto.

Enrolei o punho, inclinando a cabeça para o lado.

— Ai, tu preocupas-te comigo. Estou comovido à brava, T-Rex. — Segurei o lado esquerdo da minha *T-shirt* preta por cima do coração, troçando dele com um sorriso falso.

A Georgia e o seu grupo de cabeças de vento observavam-nos atentamente, esperando que o monstro dentro de mim batesse num dos meus melhores amigos. Passei ao lado do Trent, o meu ombro embatendo no dele, e fui para o campo de ténis, onde lutávamos na maior parte dos fins de semana. Este era grande, meio escondido e com espaço suficiente para a multidão se sentar de um dos lados do nosso octógono improvisado.

— Mostra-me o teu pior, Rexroth — rosnei, tentando acalmar-me. Tentando recordar-me de que o Trent e o Jaime tinham razão. O Dean e a Criada só tinham uma curte. Estariam separados antes do fim do mês. Ele ia deixá-la, de preferência, com a sua virgindade ainda intacta, magoada e zangada e procurando uma vingança. Estaria frágil, insegura e vingativa.

E era quando eu atacaria.

Quando lhe mostraria que ela não era nada mais do que propriedade minha.

— Vá lá, T., arrasta o teu rabo lesionado para o campo de ténis, mas vê se não me sujás o relvado com sangue depois de terminarmos.